

## Cartografia de estudos sobre argumentação em Minas Gerais: filiações e interfaces teóricas

*Cartography of argumentation studies in Minas Gerais: theoretical affiliations and interfaces*

**Helcira Maria Rodrigues de Lima**

Universidade Federal de Minas Gerais – Minas Gerais – Brasil

**Bruna Toso Tavares**

Universidade do Estado de Minas Gerais – Minas Gerais – Brasil

**Benedicto Carlos**

Universidade Federal de Minas Gerais – Minas Gerais – Brasil



**Resumo:** O artigo apresenta os resultados parciais da Cartografia dos Estudos sobre Argumentação na Região Sudeste (2011-2020), com recorte específico para o estado de Minas Gerais. Insere-se no contexto de crescimento expressivo dos estudos sobre argumentação no Brasil nas últimas duas décadas, movimento que retoma as tradições inauguradas por Perelman & Olbrechts-Tyteca (Nova Retórica), Toulmin (modelo argumentativo) e Anscombe & Ducrot (Argumentação na Língua). O objetivo central é mapear as perspectivas teóricas predominantes, as interfaces teóricas estabelecidas e as categorias analíticas mobilizadas nas teses e dissertações defendidas em Programas de Pós-Graduação em Letras e Linguística em Minas Gerais no período. O levantamento realizou buscas sistemáticas no Banco de Teses e Dissertações da Capes, na Plataforma Sucupira e em repositórios institucionais, resultando, após refinamento metodológico, em 119 trabalhos que adotam efetivamente uma teoria da argumentação como fundamentação central. A análise dos dados evidencia que o campo da argumentação em Minas Gerais configura-se como um “lugar de memória” (Nora, 1993), marcado pela consolidação de uma tradição discursivo-argumentativa, ancorada institucionalmente em grupos de pesquisa e redes de orientação acadêmica. A presença de outras perspectivas teóricas, ainda que minoritárias, aponta para a heterogeneidade do espaço discursivo e para possíveis linhas de fuga (Deleuze e Guattari, 1995). O gesto de exclusão de 43 trabalhos que mobilizavam a argumentação de forma assistemática revela, paradoxalmente, a força da noção como categoria analítica transversal nos estudos da linguagem. Conclui-se que a cartografia constitui um registro provisório e aberto da memória do campo, que pode subsidiar futuras pesquisas e intervenções curriculares.

**Palavras-chave:** Cartografia. Argumentação. Minas Gerais. Lugares de memória. Análise do Discurso.

**Abstract:** This article presents partial results from the Cartography of Argumentation Studies in the Southeast Region of Brazil (2011-2020), particularly in Minas Gerais. It draws on the significant growth of argumentation studies in Brazil over the last two decades, a movement that revives the traditions inaugurated by Perelman & Olbrechts-Tyteca (New Rhetoric), Toulmin (argumentative model), and Anscombe & Ducrot (Argumentation within Language). The article's main objective is to map the predominant theoretical perspectives, the established theoretical interfaces, and the analytical categories in theses and dissertations from Graduate Programs in Linguistics and Literary Studies in Minas Gerais during this period. The survey conducted systematic searches in the Capes Theses and Dissertations Database, Sucupira Platform, and institutional repositories, resulting, after methodological refinement, in 119 studies that effectively adopt the theory of argumentation as their central framework. Data analysis shows that the field of argumentation studies in Minas Gerais constitutes a "realm of memory" (lieu de mémoire) (Nora, 1993), marked by the consolidation of a discursive-argumentative tradition, institutionally anchored in research groups and academic supervision networks. The presence of

other theoretical perspectives, though minority, points to the heterogeneity of the discursive space and to possible lines of flight (Deleuze & Guattari, 1995). 43 studies were excluded since they mobilized argumentation in an unsystematic way, paradoxically revealing the strength of this notion as a cross-cutting analytical category in Language Studies. We conclude that this cartography is a provisional and open record of the field's memory, to support future research and curricular interventions.

**Keywords:** Cartography. Argumentation. Minas Gerais. Realms of memory. Discourse Analysis.

---

## 1 Introdução

Os estudos sobre argumentação alcançaram, nas últimas décadas, um crescimento expressivo no Brasil. Tal crescimento segue, de certo modo, um movimento de retomada do interesse pelo assunto na Europa, sobretudo nos países francófonos, iniciado pela publicação da obra de Perelman & Olbrechts-Tyteca (1958), o *Tratado da argumentação: a Nova retórica*. Todavia, não apenas o *Tratado* foi determinante para esse movimento, mas também o livro *Os usos do argumento*, publicado por Toulmin (1958), assim como toda a elaboração sobre a argumentação na língua empreendida por Ducrot e Anscombre (1983), iniciada nos anos de 1960.

No Brasil, as pesquisas sobre argumentação no âmbito dos estudos linguísticos tiveram início no diálogo com tais obras. Estudos empreendidos por pesquisadores como Haquira Osakabe (1979), Lineide Mosca (2004), Ingedore Koch (1996), entre outros, evidenciaram que a retórica e a argumentação ainda tinham muito a nos ensinar, a despeito da resistência gerada em torno da primeira disciplina.

Estes estudos colaboraram para alavancar tanto o interesse pela argumentação quanto a criação de grupos de pesquisa, além de uma expressiva produção bibliográfica sobre o assunto. Em uma busca rápida no Diretório de Grupos de Pesquisa do CNPq, com a inserção da categoria "argumentação", observamos que existem no período em foco na *Cartografia dos estudos sobre argumentação na Região Sudeste* (2011-2020), 8 grupos de pesquisa na área de Linguística e Letras sobre o assunto. Em outras áreas, como a Filosofia, o Direito e a Comunicação, também existem grupos de pesquisa em interface com os estudos linguísticos, mas chama

atenção o fato de que estes se dirigem exclusivamente aos estudos sobre argumentação.

Na tentativa de capturar esses dados e melhor compreendê-los, o mapeamento proposto pela *Cartografia dos estudos sobre argumentação no Brasil*, no recorte atual da região Sudeste, visa apresentar um panorama das pesquisas com foco específico na área de Letras e Linguística. O mapeamento dos dados tem por objetivo possibilitar uma descrição e análise que possam conduzir a novas alternativas para promover e aprimorar tanto o ensino quanto os estudos sobre argumentação no Brasil. A *Cartografia* também pode servir de base para subsidiar novos projetos de pesquisa e intervenções curriculares mais direcionadas ao tema.

Nessa direção, o objetivo deste texto é apresentar um recorte dos dados que privilegie um panorama das perspectivas teóricas predominantes nos estudos sobre argumentação em Minas Gerais, identificando quais foram/são as principais interfaces teóricas e sua relação com grupos de pesquisa no estado. Esse recorte foi brevemente apresentado por um dos autores, em uma comunicação oral, no último encontro dos pesquisadores do GT Argumentação, com o objetivo de pensar a região Sudeste como um todo e, agora, pretende se concentrar especificamente no estado de Minas Gerais.

## 2 Uma tomada de posição teórica sobre a abordagem

A coleta, a seleção e o registro dos dados na *Cartografia* mostram-se fundamentais por propiciar um panorama da produção acadêmica no período, mesmo considerando seu caráter incontornavelmente parcial. *Cartografar* é acompanhar processos e não esperar

produtos acabados; traçar linhas de força e não representar um objeto estático (Deleuze e Guattari, 1995). No âmbito dos estudos sobre argumentação, uma abordagem cartográfica pode ser particularmente fecunda, pois, em vez de isolar argumentos como objetos estáveis ou reduzir a análise à identificação de estruturas lógicas, uma cartografia da argumentação pode se interessar, como no objetivo em foco no artigo, pela emergência de posições teóricas e grupos de pesquisa, bem como pelas interfaces possíveis.

A pesquisa cartográfica abre-se, assim, às regularidades, mas, sobretudo, ao imprevisto, à diversidade, à multiplicidade e aos processos. Entendemos que ela oferece ferramentas particularmente fecundas para compreender não apenas o conteúdo das teorias, mas as dinâmicas de circulação, filiação, apagamento e hierarquização que determinam quais perspectivas teóricas se sobressaem, no contexto dessa pesquisa específica, quais permanecem marginalizadas e quais estabelecem diálogos ou não entre si.

Nessa direção, defendemos a ideia de que os resultados encontrados e a própria *Cartografia* podem ser entendidos como um “lugar de memória” (Nora, 1993), visto que ele atua como símbolo ao condensar e significar (Lima, 2025), um trabalho de arquivo, construído a partir de “gestos de interpretação” (Orlandi, 1996), que produz sentidos a partir de escolhas de inclusão ou exclusão, recortes e classificações. Assim, aliado à perspectiva da cartografia como método e lugar de memória, também nos fundamentamos nas noções de arquivo e memória discursiva, ancorados na Análise do Discurso, para pensarmos os dados enquanto discursos, que estabelecem relações interdiscursivas entre si.

A relação entre o conceito de *cartografia* e a noção de *lugar de memória* nos parece frutífera, apesar das tensões existentes entre a posição que cada um dos autores defende. Esse diálogo pode abrir um campo fértil para a compreensão dos processos pelos quais determinados acontecimentos, figuras ou tradições são estabilizados, celebrados ou silenciados nas dinâmicas discursivas e sociais. Ambos os conceitos partilham uma preocupação central com o

modo como o passado é organizado, significado e mobilizado no presente. Apesar de partirem de pressupostos teóricos distintos, visto que Nora (1993) trabalha com a noção de memória como inscrita em lugares que a fixam diante da aceleração histórica, e a abordagem cartográfica, de inspiração deleuziana, privilegia os movimentos, os fluxos e as desterritorializações, podemos entender que a cartografia pode ser lida, como afirmamos, como um lugar de memória, que condensa e significa, mas, por outro lado, é também marcado pela fluidez.

### **3 A Cartografia: procedimentos de abordagem dos dados, descrição e análise**

#### **3.1 Primeiros passos**

Como afirmamos, os dados aqui apresentados são parte da “Cartografia da Argumentação”, um projeto dedicado ao levantamento de dissertações de mestrado e teses de doutorado sobre argumentação desenvolvidas em Programas de Pós-graduação (PPG) brasileiros em Letras e Linguística.

Entre outubro de 2024 e outubro de 2025, uma rede de pesquisadores, em sua maioria, parte do GT *Argumentação* da ANPOLL, fez buscas sistemáticas por trabalhos desenvolvidos e defendidos entre 2011 e 2020 nos estados do Espírito Santo, Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo, ou seja, na região Sudeste, a partir do Banco de Teses e Dissertações da Capes, da Plataforma Sucupira e dos repositórios institucionais dos programas de pós-graduação previamente elencados.

A partir de buscas por palavras-chave, como “Argumentação” e “Retórica” e pelo radical “Argument-”, foi feito um levantamento de trabalhos que tratavam tanto da análise quanto do ensino da

argumentação. Para este artigo, a equipe selecionada<sup>1</sup>, coordenada pela Professora Helcira Lima, da UFMG, procedeu ao recorte específico dos trabalhos voltados à análise da argumentação, defendidos em Programas de Pós-graduação no estado de Minas Gerais no período de 2011 a 2020. Na construção da *Cartografia da argumentação* do Sudeste, uma vez identificados os trabalhos de análise da argumentação, procedeu-se, de forma geral, à catalogação por meio de registros em uma planilha eletrônica no Google Sheets. Nela, foram registrados, a respeito de cada achado: a unidade federativa (UF), a instituição de ensino superior (IES) e o programa de pós-graduação (PPG) nos quais o trabalho foi desenvolvido; o ano de defesa; o nível acadêmico (mestrado ou doutorado - M/D), bem como autoria, orientação, título do trabalho, resumo, palavras-chave e *link* para *download*, o que garante a descrição e a rastreabilidade dos dados.

Além desses dados, a *Cartografia* incluiu ainda categorias que exigiram de nós, pesquisadores envolvidos na catalogação, a partir da leitura dos resumos e dos trabalhos, gestos interpretativos de identificação da teoria da argumentação mobilizada, das interfaces teóricas estabelecidas e das categorias analíticas presentes em cada pesquisa – aspectos que compreendemos como discursos, os quais nos interessam especialmente para este trabalho – além de campo discursivo e gênero do *corpus*. Essas categorias não são neutras, ou puramente descritivas; elas constituem-se como gestos de interpretação (Orlandi, 1996) que definem o que é importante de ser registrado e analisado, inscrevendo-se em uma memória discursiva (Pêcheux, 2007 [1983], 2009 [1982]; Courtine, 1981) do fazer científico e cartográfico.

Entretanto, a partir do levantamento inicial dos trabalhos que tratavam de argumentação, foi necessário um refinamento de ordem metodológica, envolvendo a teoria da argumentação mobilizada. Assim, após a coleta ampla, que encontrou 162 trabalhos, procedemos a uma análise criteriosa de

cada um deles, restringindo a permanência na planilha àqueles que efetivamente adotaram, como fundamentação teórica central, alguma teoria da argumentação. Com isso, foram excluídos 43 trabalhos em que a argumentação comparecia apenas como tema transversal, como categoria analítica mobilizada de forma assistemática ou como objeto de estudo secundário, sem que houvesse um diálogo efetivo com as tradições teóricas da argumentação. Esse gesto interpretativo, de exclusão ou inclusão, “consiste em inscrever tal discurso dado em tal série, a incorporá-lo a um ‘corpus’” (Pêcheux, 2008 [1983], p.56-57). Um *corpus*, ou uma *Cartografia*, se constitui a partir da natureza do material e das questões que o organizam (Orlandi, 2015, p.64-64), que, no nosso caso, é a construção um lugar de memória das teorias predominantes nos estudos da argumentação em Minas Gerais, que compreendemos como discursos em relação com outros discursos – ou teorias.

Ao discorrer sobre a memória, Nora (1993, p. 7) afirma que “a consciência da ruptura com o passado se funde com o sentimento de uma memória esfacelada”. Há uma dialética nesse processo, pois, ao mesmo tempo em que a modernidade destrói a memória espontânea, gera uma obsessão por preservá-la; arquivá-la e comemorá-la. Se a memória espontânea não existe mais, a sociedade moderna cria alguns “lugares”, nos quais ela é deliberadamente abrigada, ritualizada e preservada para manter um frágil sentimento de continuidade. Eles são os “pontos de ancoragem”, por meio dos quais a sociedade tenta parar o tempo ou criar uma ilusão de permanência. O “sentimento de continuidade” ali presente é residual, porque ele não é mais natural. Ele é artificial, reflexivo e dependente de um esforço voluntário para existir. Nosso esforço na *Cartografia*, mesmo entendendo-o como parcial, fluido e provisório, de certo modo, é o de criar esse lugar. Partimos do princípio de que esse lugar é marcado por uma dialética de construção e desconstrução, territorialização e desterritorialização, mas que, ainda assim, pode nos apresentar uma mirada sobre o processo de construção de um

<sup>1</sup> A rede de pesquisadores responsáveis pelo inventário é composta por: Ana Alzira Maia Machado Cavalcante, Bárbara Tuanni Silva, Benedicto Carlos, Bruna Toso Tavares, Cristiane Dall Cortivo Lebler, Fábio Ávila Arcanjo, Gabriel Fernandino, Helcira Lima, Iara Oliveira, Jonas Henrique Silva, Maria das Graças Rodrigues, Maria Eduarda Machado, Priscila Gonçalves de Souza e Renan Mazzola.

importante e crescente campo de estudos hoje no Brasil.

Antes de avançarmos em relação aos dados da Cartografia, vale acrescentar alguns comentários sobre as teses e dissertações excluídas. O primeiro deles é que a retirada de 43 trabalhos – ou seja, 26,64% do total inicialmente encontrado – não representa o percentual de produções em que a noção aparece sem mobilizar efetivamente uma teoria da argumentação. Isso porque o grupo de pesquisadores responsável pela Cartografia recebeu a orientação para que fossem incluídos na planilha apenas trabalhos que apresentassem filiações com teorias da argumentação. Assim, esse quantitativo refere-se a um pequeno número de trabalhos que, pelas relações interdiscursivas extremamente próximas, causaram dúvidas entre os responsáveis pelo levantamento mineiro. Entretanto, certamente, o número total de trabalhos em que a temática figura de forma secundária ou assistemática é superior.

Nesse sentido, o fato de termos encontrado um grande número de pesquisas que traziam a noção com tema transversal e/ou interdiscursivamente revela que a argumentação tornou-se uma categoria analítica bastante difundida nos estudos da linguagem, que atrai o interesse de tradições, como a Análise do Discurso, a Linguística Textual, a Semântica, a Pragmática, entre outras. No recorte do estado de Minas Gerais, a maior parte dos trabalhos excluídos – 48,84% – ampara-se fundamentalmente na Teoria Semiolinguística, de Patrick Charaudeau.

Essa abordagem, embora se ocupe do Modo de Organização Argumentativo do discurso e reconheça a argumentação como uma dimensão constitutiva do ato de linguagem, situando-a, portanto, na problemática da influência, oferece um arcabouço teórico-metodológico para se pensar a argumentação e configura-se, mais amplamente, como uma teoria do discurso. Assim, a fim de garantir o rigor metodológico do levantamento, foram mantidos na Cartografia mineira apenas os trabalhos que se amparam em correntes teóricas que têm a argumentação com seu objeto primeiro e fundador. O gesto aqui não tem como intuito silenciar a circulação da argumentação

em outras teorias, mesmo porque essas relações interdiscursivas serão retomadas no trabalho por meio das interfaces. Entretanto, na constituição de um “lugar de memória cartográfico”, por assim dizer, são necessárias certas escolhas e delimitações que acabam por ter como efeito o esquecimento constitutivo (Pêcheux, 2009 [1982]).

Após a delimitação descrita, no que diz respeito aos trabalhos de análise da argumentação defendidos entre 2011 e 2020 nos Programas de Pós-graduação de Minas Gerais, chegou-se a um total de 119 trabalhos, desenvolvidos em dez IES. No que diz respeito à distribuição, a Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) concentra 54 trabalhos, ou seja, 45,38% das produções no estado, todos eles vinculados ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos (POSLIN). Em seguida, aparecem o Programa de Pós-Graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-MG), com 15 teses e dissertações; o Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Viçosa (UFV), com 11 trabalhos; mesma quantidade do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens (POSLING) do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG). O Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP) figura com 9 produções.

O Programas de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ) apresenta 6 trabalhos, assim como a Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), os quais estão distribuídos entre o Programa de Pós-Graduação em Letras (3) e o Programa de Pós-Graduação em Linguística (3). Por fim, completam o quadro o Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal de Uberlândia (UFU) e a Universidade Vale do Rio Verde (UNINCOR), com 3 trabalhos cada, e a Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMONTES), com 1 trabalho.

Quanto à orientação, os 119 trabalhos estiveram sob a supervisão de 40 professores, o que evidencia uma razoável dispersão de pesquisadores do campo da argumentação pelo estado, embora de

forma não regular, já que alguns deles tiveram atuação bastante marcante. Destacam-se, nesse cenário, Helcira Maria Rodrigues de Lima (UFMG), que orientou 19 trabalhos no período; Mônica Santos de Souza Melo (UFV), com 9 orientações; Eliana Amarante de Mendonça Mendes (UFMG), com 7 trabalhos supervisionados, e Hugo Mari (PUC-MG), Renato de Mello (UFMG) e Lílian Aparecida Arão (CEFET-MG), com 6 orientações cada um. Wander Emediato de Souza (UFMG) orientou 5 trabalhos. Dylia Lysardo-Dias (UFSJ), Gláucia Muniz Proença Lara (UFMG), Maria Ângela Paulino Teixeira Lopes (PUC-MG), Ida Lúcia Machado (UFMG), Melliandro Mendes Galinari (UFOP) e Amitza Torres Vieira (UFJF), por sua vez, estiveram na orientação de 4 trabalhos. Cláudio Humberto Lessa (CEFET-MG), Juliana Alves Assis (PUC-MG) e Paulo Henrique Aguiar Mendes (UFOP) orientaram, cada um, 3 trabalhos. Já Emília Mendes Lopes (UFMG), Gustavo Ximenes Cunha (UFMG), Luiz Carlos Travaglia (UFU) e William Augusto Menezes (UFOP) orientaram 2 pesquisas cada no período. Outros 20 pesquisadores<sup>2</sup> orientaram um trabalho cada no período de 2011 a 2020.

Em relação aos autores, os 119 trabalhos foram escritos por 112 pesquisadores diferentes. Isso porque sete<sup>3</sup> deles desenvolveram pesquisas de mestrado e doutorado em argumentação em PPG da área de Linguística em Minas Gerais entre 2011 e 2020. Em relação ao nível, do total, 74 são dissertações de mestrado e 45 são teses de doutorado, o que representa 62,18% e 37,82% respectivamente.

Em relação às palavras-chave, surpreendentemente, ainda que “argumentação” tenha sido a palavra-chave mais frequente, ela aparece em apenas 44% dos trabalhos. Ela é seguida por “Análise do Discurso” (21%), importante interface teórica, como veremos à frente, e por “Retórica” (16%), a única perspectiva teórica presente na listagem de palavras-

chave mais recorrentes. As demais palavras configuram-se como categorias analíticas ou interfaces teóricas, como “éthos” [14%], “discurso” [11%], “Semiolinguística” [7%], além de “discurso político” [5%], “imagem” [5%], “discurso jurídico” [5%] e “ideologia” [5%].

Em relação à baixa frequência do termo “argumentação”, nesse gesto de indexação, que é a escolha dos termos pelos quais o trabalho pode ser encontrado, o silenciamento do objeto central da pesquisa é algo significativo. Podemos supor, por um lado, que se trata de um efeito do interdiscurso, no sentido de que a noção de argumentação, de tão presente nas formações discursivas da área, tornou-se parte da memória discursiva, um “já-lá”, sem necessidade de ser explicitado ou nomeado pelo pesquisador. De outra perspectiva, também relacionada ao interdiscurso, podemos supor que, em função da heterogeneidade desse espaço discursivo, a noção se tornou, ainda que mobilizando filiações teóricas da argumentação, um objeto transversal com a qual os pesquisadores acabam relacionando mais às interfaces teóricas e às categorias mobilizadas do que com a própria noção de argumentação. Em ambos os casos, a argumentação deixaria de ser explicitada como marcador principal para funcionar como um saber pressuposto, naturalizado e, portanto, sem necessidade de ser nomeado. Em uma outra via, em uma perspectiva menos otimista, pode-se supor também que há uma espécie de simplificação do trabalho com argumentação, como se abordar o assunto não exigisse um aparato teórico-metodológico e o mesmo rigor exigido por outras perspectivas.

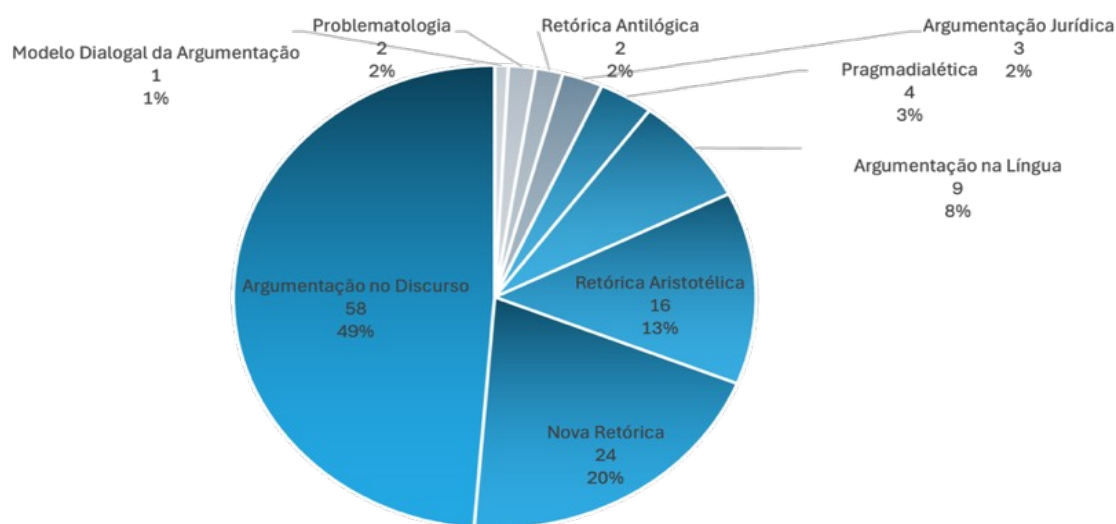
No que diz respeito às teorias da argumentação mobilizadas, é fundamental apresentarmos alguns esclarecimentos a respeito da metodologia utilizada para se chegar à versão final dessa categoria na Cartografia em Minas. No processo de refinamento metodológico descrito há pouco, percebemos a heterogeneidade com que as filiações

<sup>2</sup> São pesquisadores que orientaram um trabalho sobre o tema no período: Antônio Augusto Braighi Andrade, Antônio Luiz Assunção, Argus Romero Abreu de Moraes, Cristiane Cataldi dos Santos Paes, Elcio Lucas de Oliveira, Fernanda Mussalim Guimarães Lemos Silveira, Giani David Silva, Jane Quintiliano Guimarães Silva, João Batista Libanio, Leandra Batista Antunes, Luciana Pereira Queiroz Pimenta Ferreira, Luiz Francisco Dias, Maria Alzira Leite, Maria Antonieta A. de M. Cohen, Olga Valeska Soares Coelho, Patrícia Nora de Souza Ribeiro, Renan Belmonte Mazzola, Rony Petterson Gomes do Vale, Sonia Bittencourt Silveira, Thayse Figueira Guimarães.

teóricas eram nomeadas. Uma mesma teoria era referenciada de diversas formas, como, por exemplo, “Argumentação no Discurso”, “Análise Argumentativa do Discurso”, “Abordagem de Amossy”, ou o próprio nome da autora da perspectiva “Ruth Amossy”, entre outros exemplos. Nesse sentido, a fim de viabilizar a sistematização dos dados e a comparabilidade das análises, optamos por estabelecer um rol de teorias da argumentação, construído levando-se em conta as principais correntes teóricas observadas nos trabalhos, a partir do qual foram classificados os estudos listados na planilha.

No inventário de perspectivas teóricas possíveis, chegamos, após muita reflexão, a Argumentação na Língua, Argumentação no Discurso, Argumentação Jurídica, Lógica Informal, Lógica Natural, Modelo Dialogal da Argumentação, Nova Retórica, Pragmadialética, Problematologia, Retórica Antilógica, Retórica Aristotélica, Retórica Latina, sendo que Lógica Informal, Lógica Natural e Retórica Latina não apareceram entre os trabalhos mineiros do período, como pode-se ver no gráfico a seguir.

**Gráfico 1 – Teoria da Argumentação Mobilizada**



Fonte: Os autores.

O mesmo movimento de padronização das formas de se referenciar as teorias da argumentação mobilizadas foi feito em relação às interfaces teóricas. A partir das classificações apresentadas inicialmente, elencamos as seguintes possibilidades: Análise Crítica do Discurso, Análise da Conversação, Análise Dialógica do Discurso, Análise do Discurso, Análise materialista do Discurso, Análise Modular do Discurso, Argumentação na Língua, Estudos de Gênero do Discurso, Estudos de Gênero Social, Estudos do Discurso, Estudos sobre emoções, Interacionismo,

Linguística Aplicada, Linguística Textual, Modelo de Toulmin, Nova Retórica, Problematologia, Retórica Aristotélica, Retórica Latina, Semântica da Enunciação, Sofística, Teoria do Discurso Social, Teoria dos Pontos de Vista, Teoria Semiolinguística, Teorias da Comunicação Social e outras.

Como veremos melhor na próxima seção, dos cruzamentos de dados, as ocorrências de interfaces teóricas chegam a 150. Isso acontece porque, ainda que lidemos na *Cartografia* com 119 teses e dissertações, há trabalhos em que ocorre mais de uma

<sup>3</sup> São autores com pesquisas de mestrado e doutorado sobre argumentação na década estudada: Bárbara Amaral da Silva, Bruna Toso Tavares, Daniel Monteiro Neves, Ester Junia Silva Couto, Marcos Daniel do Amor Divino, Rodrigo Seixas Pereira Barbosa e Tatiana Affonso Ferreira Paiva.

interface teórica, assim como outros – mais raros – que não estabelecem relações com outras teorias além das argumentativas mobilizadas.

No que diz respeito às categorias analíticas acionadas pelas pesquisas em argumentação no estado de Minas entre os anos de 2011 e 2020, algumas se destacam pela recorrência. Nesse sentido, as categorias analíticas mais acionadas nos trabalhos analisados foram: “Éthos”; “Valores” e “Páthos”, como veremos melhor a seguir.

### 3.2 Cruzamento dos dados

Os dados descritos e analisados até aqui, enquanto discursos, estabelecem relações interdiscursivas. Nesse sentido, também merecem ser observados a partir das conexões que estabelecem entre si. Considerando os três aspectos principais observados – Teoria da argumentação mobilizada, interfaces teóricas e categorias analíticas acionadas –, começemos pelo cruzamento entre os dois primeiros, cujos resultados podem ser observados na figura a seguir:

**Figura 1** – Cruzamento entre Teoria da Argumentação Mobilizada e Interface Teórica

Interface Teórica por Teoria da Argumentação Mobilizada									
Análise do discurso	33	11	5	5	0	2	2	1	1
Teoria semiolinguística	32	9	8	3	0	1	0	0	0
Análise da conversação	2	0	0	0	3	0	0	0	0
Análise dialógica do discurso	2	2	0	1	0	0	1	0	0
Interacionismo	0	0	1	0	4	0	0	0	0
Linguística textual	1	0	0	2	0	0	0	0	0
Retórica aristotélica	1	0	2	0	0	0	0	0	0
Análise crítica do discurso	0	2	0	0	0	0	0	0	0
Modelo de Toulmin	0	1	0	0	1	0	0	0	0
Teoria do discurso social	1	0	0	0	0	0	0	1	0
Estudos de gênero do discurso	0	1	0	0	0	0	0	0	0
Estudos de gênero social	1	0	0	0	0	0	0	0	0
Semântica da enunciação	0	0	0	1	0	0	0	0	0
Sofística	0	1	0	0	0	0	0	0	0
Teorias da comunicação social	1	0	0	0	0	0	0	0	0
	Argumentação no discurso	Nova retórica	Retórica aristotélica	Argumentação na língua	Pragmadialética	Argumentação jurídica	Problematologia	Retórica antiológica	Modelo dialogal da argumentação

Fonte: Os autores.

Com base nos dados apresentados no quadro de “Interface Teórica por Teoria da Argumentação Mobilizada”, a relação entre a teoria da argumentação e as outras interfaces teóricas revela um campo dominado por abordagens discursivas e linguísticas. Os principais destaques dos dados são o predomínio da “Argumentação no discurso”. Essa é a teoria mais mobilizada e que apresenta interfaces mais fortes na tabela. Ela aparece em maior número em conjunto com a “Análise do Discurso” (33 ocorrências) e a “Teoria Semiolinguística” (32 ocorrências).

A Nova Retórica também demonstra uma interface significativa com a “AD” (11 ocorrências) e a

“Teoria Semiolinguística” (9 ocorrências), de modo a consolidar essas duas áreas como os principais campos de diálogo para os estudos argumentativos. “Retórica Aristotélica”, como teoria mobilizada, interage principalmente com a “Teoria Semiolinguística” (8 ocorrências) e com a “Análise do Discurso” (5 ocorrências). Já a “Argumentação na Língua” segue a mesma tendência, com maior interface na “Análise do Discurso” (5 ocorrências).

Notamos algumas conexões mais específicas, como em relação à “Pragmadialética”, que possui uma interface mais direcionada ao “Interacionismo” (4 ocorrências), diferenciando-se das demais que

priorizam a análise do discurso. Outros casos que merecem também destaque são as interfaces de baixa ocorrência em teorias como “Problematologia”, “Argumentação Jurídica” e o “Modelo Dialogal da Argumentação”, as quais apresentam números muito reduzidos de interface, variando entre 0 e 2 ocorrências na maioria dos cruzamentos.

Em resumo, os dados indicam que a pesquisa em argumentação no estado de Minas Gerais, no recorte selecionado, está profundamente ancorada à

Análise do Discurso, visto que a Teoria Semiolinguística, a segunda interface de maior destaque, é uma teoria também desenvolvida dentro do bojo dessa disciplina. Além disso, as interseções demonstram que a Argumentação no discurso constitui o ponto de convergência mais expressivo entre as teorias apresentadas. O ato de argumentar parece, assim, ser visto, majoritariamente, através da lente do funcionamento do discurso.

Figura 2 – Cruzamento entre Teoria da Argumentação Mobilizada e Categorias de Análise

		Categoria analítica por Teoria mobilizada (Ordenado por Ocorrência)								
		Argumentação no discurso	Nova retórica	Retórica aristotélica	Argumentação na língua	Problematologia	Argumentação jurídica	Retóricas emilológicas	Progrmatialística	Modelo dialogal da argumentação
Categoria analítica	Ethos	43	16	13	3	2	1	2	0	0
	Valores	5	17	8	0	2	2	2	0	1
	Pathos	12	9	7	0	2	2	1	0	0
	Logos	11	9	7	0	2	2	1	0	0
	Doxa	10	5	4	0	2	1	2	0	0
	Auditório	4	8	4	0	2	1	1	0	0
	Modos de organização do discurso	11	2	3	1	0	0	0	0	0
	Imaginários sociodiscursivos	8	3	1	0	0	1	0	0	0
	Contrato de comunicação	6	3	1	0	0	1	0	0	0
	Cena de enunciação	4	2	3	1	0	0	0	0	0
	Emoções	8	1	1	0	0	0	0	0	0
	Estereótipos	5	2	1	0	0	0	0	0	1
	Ideologia	4	2	0	2	0	0	0	0	0
	Imaginários	5	0	1	0	0	0	0	0	1
	Memória	3	0	2	1	1	0	0	0	0
	Modalizadores	3	1	0	2	0	0	0	0	0
	Modalidade polêmica	5	0	0	0	0	1	0	0	0
	Déiticos	0	3	1	1	0	0	0	0	0
	Movimento argumentativo	0	1	0	0	0	0	0	4	0
	Operador argumentativo	0	0	0	5	0	0	0	0	0
	Heterogeneidade discursiva	3	0	0	1	0	0	0	0	0
	Polifonia	2	2	0	0	0	0	0	0	0
	Topos	2	1	1	0	0	0	0	0	0
	Interdiscurso	1	1	0	1	0	0	0	0	0
	Tipologia de argumentos	0	1	0	0	0	0	0	0	0

Fonte: Os autores.

No que se refere às categorias mobilizadas nas pesquisas, o quadro apresenta uma análise quantitativa da frequência com que diferentes conceitos teóricos são mobilizados em pesquisas acadêmicas sobre argumentação. A categoria “*éthos*” destaca-se como o termo mais recorrente, seguida por elementos fundamentais da Retórica, como “valores”, “*páthos*” e “*logos*”. O levantamento evidencia a predominância de categorias vinculadas ao domínio da Retórica, as quais foram retomadas e ressignificadas no escopo da Análise do discurso e da Argumentação no discurso nas duas últimas décadas, sobretudo, a partir da publicação da obra *Argumentação no discurso* (2018 [2000]), de Ruth Amossy. Termos mais específicos, como “interdiscurso” e “tipologia de argumentos”, aparecem na base da lista, com menor incidência, o que permite compreender as prioridades metodológicas e os temas centrais explorados nos trabalhos analisados.

Há uma forte inclinação para duas bases teóricas: Retórica Clássica/Argumentação (como fundamento geral) e Análise do Discurso (predominantemente, Teoria Semiolinguística). A categoria do “*éthos*” prevalece, em um número total de 80 ocorrências, o que indica uma centralidade na análise da construção da imagem do enunciador nos estudos mineiros no período, a partir de diferentes filiações teóricas, já que o “*éthos*” aparece como categoria analítica em trabalhos fundamentados em 7 das 9 teorias mobilizadas, com destaque para aqueles filiados à Argumentação no Discurso (43 ocorrências), Nova Retórica (16) e Retórica Aristotélica (13).

Além do “*éthos*”, as categorias do “*páthos*” (33) e do “*logos*” (32), concernentes à tríade aristotélica, figuram entre as quatro primeiras, demonstrando que o foco analítico recai predominantemente sobre os meios de persuasão (emoção, razão e caráter). Com 24 e 20 ocorrências, “*doxa*” e “*auditório*”, respectivamente, reforçam o embasamento em teorias da argumentação que consideram as opiniões comuns e a recepção do discurso.

Além disso, merece destaque a influência da Análise do Discurso, a partir de um segundo bloco de

categorias que aponta para uma fundamentação teórica voltada para a organização e o contexto da comunicação. Os “Modos de Organização do Discurso” aparecem 17 vezes, o que sugere uma base teórica preocupada com a estruturação textual (enunciativa, narrativa, descritiva, argumentativa). Os conceitos de “*imaginários sociodiscursivos*” (13 ocorrências) e “*contrato de comunicação*” (11 ocorrências), conceitos centrais da Semiolinguística de Patrick Charaudeau, indicam que uma parte considerável das análises se fundamenta nesta teoria para compreender as restrições e as representações sociais no discurso. Outro conceito que aparece 10 vezes no cruzamento dos dados é o de “*cena da enunciação*”, referente à configuração do espaço discursivo, categoria comum, sobretudo, na Análise do Discurso de linha francesa, desenvolvida por Dominique Maingueneau.

Outras categorias de menor frequência e outras interfaces sugerem que são bases teóricas complementares ou menos exploradas na amostra, como “*interdiscursividade*” (3 ocorrências), “*polifonia*” (4) e “*heterogeneidade discursiva*” (4), as quais aparecem na base da pirâmide, indicando um uso menos intenso de teorias focadas no diálogo entre textos.

No que se refere a categorias como “*ideologia*” e “*memória*”, estas aparecem 8 e 7 vezes, respectivamente, de modo a demonstrar uma presença discreta de abordagens mais voltadas para a análise materialista do discurso. A tímida presença dessas categorias ratifica que a formação discursiva dominante nos estudos da argumentação em Minas Gerais no período está voltada para a base teórica retórico-argumentativa, com um papel protagonista do conceito de *éthos*, assim como de uma Análise do Discurso com fortes vínculos com a Retórica. Esse destaque da Argumentação no Discurso, a centralidade e protagonismo do *éthos*, a relação interdiscursiva frequente da Teoria Semiolinguística – enquanto interface – são registros de uma memória discursiva (Pêcheux, 2007 [1983]), do que foi o campo das pesquisas de argumentação em Minas Gerais entre os anos de 2011 e 2020.

Porém, a memória discursiva, (re)produzida por meio dos discursos em circulação, que buscamos registrar na *Cartografia*, é sustentada, nesse caso, fortemente, por dispositivos institucionais: os grupos de pesquisa. Quando observamos os grupos de pesquisa aos quais os professores orientadores das pesquisas inventariadas se filiam, podemos estabelecer relações entre eles, enquanto espaços de ancoragem da memória do campo da argumentação, e os discursos que detectamos na *Cartografia*.

O vínculo dos pesquisadores com os grupos foi verificado a partir dos registros no Diretório do CNPq, no qual encontramos professores vinculados a mais de um grupo de pesquisa e, para outros, não encontramos registro. Sobre os dados, temos que 14 dos 40 orientadores estavam vinculados ao *Núcleo de Análise do Discurso* (NAD/UFMG) e 4 ao *Núcleo de Estudos Discursivos* (NED/UFV), grupos que reúnem não apenas pesquisadores da instituição, mas também seus egressos, professores de outras instituições, sobretudo, mineiras, como PUC-MG, CEFET-MG, UFOP, UFSJ, entre outras. Assim, não é de se admirar a predominância entre os estudos de argumentação de uma tradição discursivo-argumentativa vinda de pesquisadores dos dois núcleos, nem mesmo do lugar de destaque da Teoria Semiolinguística e da categoria do éthos, dois objetos bastante estudados, sobretudo, no NAD desde a primeira década deste século.

Outros grupos, como *Grupo de Estudos sobre Discurso e Memória* (GEDEM/ UFOP) e *Núcleo de Estudos em Letramentos, Linguagens e Formação* (NELLF/ PUC-Minas), com dois pesquisadores orientadores de pesquisas sobre argumentação cada, evidenciam que, apesar de terem como foco a memória e o letramento, a argumentação também é mobilizada de forma central pelos pesquisadores do grupo e seus orientandos. A presença de 15<sup>4</sup> outros grupos de pesquisa, com um representante cada, indica para uma diversidade de possibilidades que se espalham por diferentes instituições e linhas de

pesquisa, com presença mais ou menos forte do tema. Entre os vários grupos, um merece destaque: o *Grupo Retórica e argumentação* (RETORAR/UFMG).

O RETORAR criado em 2014, por Helcira Lima e Maria Cecília Miranda Nogueira Coelho, é o único grupo mineiro que traz a “Argumentação” no nome. Ao explicitar a argumentação como identidade central, o RETORAR vem se consolidando na tradição dos estudos de argumentação, o que reflete na consistência e permanência dos pesquisadores na área, como, por exemplo, os sete pesquisadores anteriormente mencionados, que realizaram no intervalo de tempo observado suas pesquisas de mestrado e doutorado, todas sob orientação do Profa. Helcira Lima, tornaram-se, desde então, membros do RETORAR.

Estes destaques dados evidenciam que o arquivo cartografado, por mais que construído com rigor científico, não é neutro. Ele é o resultado de gestos de interpretação tanto dos pesquisadores ao escolherem as teorias a serem mobilizadas, as interfaces teóricas ou as categorias analíticas acionadas, quanto nossa, enquanto cartógrafos, ao selecionarmos e classificarmos os trabalhos, estabelecendo critérios de inclusão e exclusão. Por fim, o resultado é esta *Cartografia*, registro, ainda que em constante movimento, da memória do fazer pesquisa em argumentação em Minas Gerais, onde se privilegia a Argumentação no Discurso, a Análise do Discurso e a Teoria Semiolinguística, do ponto de vista teórico, e do éthos, enquanto categoria analítica.

#### 4 À guisa de conclusão

A *Cartografia* que aqui se apresenta, ao buscar mapear os estudos sobre argumentação em Minas Gerais no período de 2011 a 2020, constitui-se não apenas como um levantamento quantitativo ou um inventário descritivo da produção acadêmica, mas, sobretudo, como um gesto interpretativo que, ao

<sup>4</sup> Os grupos não nomeados são: CED/UFU, COMPLEX COGNITIO / PUC-Minas, Construção de autoria e de identidade acadêmica e profissional diálogos entre saberes e práticas/ PUC-Minas, ENUNCIAR/ UFMG, GEPTED/ UFMG, GEDEM/UFOP, LEGENTES: Direito e Literatura /PUC-Minas, Narrar-se/CEFET-MG, NELU/ UFMG, Práticas de linguagem em contextos legais / UFJF, PETEDI/ UFU, Subjetividades e modos de dizer nas práticas discursivas da esfera acadêmica/ PUC-Minas, AUDiscurso / UNEB e GELT/ UFGD, estes dois últimos sediados fora do Estado de Minas.

mesmo tempo em que registra, também produz sentidos sobre o campo que se propõe a investigar. Nesse movimento, a articulação entre os conceitos de *cartografia*, tal como pensada por Deleuze e Guattari (1995 [1980]) e de *lugar de memória*, conforme elaborado por Pierre Nora (1993), mostrou-se particularmente fecunda, ao permitir compreender a dinâmica de constituição, circulação e estabilização de determinadas tradições teóricas no território acadêmico mineiro.

A tensão entre as duas perspectivas, longe de constituir um obstáculo metodológico, revelou-se produtiva para pensar o próprio fazer cartográfico. Se, por um lado, a cartografia deleuziana nos convoca a acompanhar processos, a traçar linhas de força e a recusar a fixação em representações estáticas, por outro lado, a noção de lugar de memória de Nora nos lembra que, em contextos marcados pela aceleração histórica e pela fragmentação das tradições, os atos de arquivar, classificar e registrar assumem um caráter de resistência simbólica, na tentativa de criar pontos de ancoragem que possam garantir alguma forma de continuidade e inteligibilidade para o presente. Nossa *Cartografia*, portanto, age em duas direções, pois ela é, ao mesmo tempo, mapa aberto às multiplicidades e fluxos que atravessam o campo da argumentação, e lugar de memória que fixa, ainda que provisoriamente, um conjunto de discursos, filiações e práticas que marcaram uma década de produção acadêmica.

Os dados analisados ao longo deste artigo revelam um campo de estudos em franca expansão no estado de Minas Gerais, com 119 trabalhos defendidos em dez instituições de ensino superior no período, sob a orientação de 40 pesquisadores. Esse crescimento, inserido em um movimento mais amplo de retomada dos estudos sobre argumentação no Brasil, a partir da segunda metade dos anos 1990, encontra na região Sudeste um de seus principais polos de desenvolvimento e, nesse artigo, verificamos que o lugar de Minas Gerais possui uma importância considerável nesse enquadramento. No recorte específico aqui privilegiado, destacam-se a concentração de trabalhos na Universidade Federal de Minas Gerais, responsável por 45,38% das produções,

e a atuação de um grupo de orientadores cuja produção sistemática na área evidencia a consolidação de uma tradição de pesquisa em argumentação no estado.

No que diz respeito às perspectivas teóricas predominantes, os dados apontam para uma clara predominância da Argumentação no Discurso, corrente que responde por mais da metade das filiações teóricas identificadas. Esse dado não pode ser interpretado como uma mera preferência individual dos pesquisadores, mas deve ser compreendido como efeito de um processo mais amplo de institucionalização de certas tradições de pensamento, ancoradas em grupos de pesquisa e em redes de orientação acadêmica que se reproduzem e se expandem ao longo do tempo. A presença expressiva do Núcleo de Análise do Discurso (NAD/UFMG) entre os grupos aos quais se vinculam os orientadores, corrobora essa interpretação: tais núcleos funcionam como verdadeiros *lugares de memória* no sentido de Pierre Nora (1993), espaços institucionais nos quais determinadas tradições teóricas são preservadas, transmitidas e legitimadas ao longo de gerações de pesquisadores.

A relação entre Argumentação no Discurso, Análise do Discurso e Teoria Semiociológica, que figura como a segunda principal interface teórica, revela um campo profundamente marcado pela centralidade da noção de discurso como horizonte para a argumentação. Essa configuração teórica, por sua vez, reflete-se nas categorias analíticas mais mobilizadas pelos pesquisadores (*éthos*, *páthos*, *lógos*, *doxa* e *auditório*), as quais figuram entre os termos mais frequentes, evidenciando uma forte retomada do arcabouço retórico clássico, mas ressignificado no interior de uma abordagem discursiva. A centralidade do *éthos*, em particular, indica um interesse privilegiado nas questões da imagem do enunciador, da credibilidade e da construção da autoridade no discurso, temas que têm ocupado lugar de destaque na agenda de pesquisa do campo, especialmente a partir da obra de Ruth Amossy.

É importante notar, no entanto, que essa configuração dominante não esgota a diversidade do campo. A presença de outras perspectivas teóricas, ainda que minoritárias, como a Nova Retórica, a Argumentação na Língua, a Pragmadialética e a Problematologia, assim como a variedade de interfaces teóricas identificadas, aponta para um espaço discursivo heterogêneo, no qual diferentes tradições dialogam, tensionam-se e, em alguma medida, coexistem. A cartografia aqui apresentada, ao registrar essa diversidade, contribui para visibilizar tanto as tradições hegemônicas, quanto aquelas que, embora menos frequentes, compõem o mosaico do campo e apontam para possíveis desterritorializações futuras.

O gesto de exclusão de 43 trabalhos que, embora abordassem a argumentação, não mobilizavam uma teoria da argumentação como fundamentação central, merece uma reflexão final. Essa decisão metodológica, assumida como necessária para garantir a consistência do *corpus*, produziu um efeito de apagamento que, no entanto, revela algo importante sobre a circulação da noção de argumentação nos estudos da linguagem: ela se tornou uma categoria analítica tão difundida e naturalizada que, em muitos casos, é mobilizada de forma assistemática, sem o respaldo de um arcabouço teórico específico. Se, por um lado, isso pode ser interpretado como um sintoma da fragilidade conceitual com que a argumentação é por vezes tratada, por outro lado, atesta também sua força como operador analítico transversal, capaz de circular por diferentes tradições teóricas e de estabelecer pontes entre campos de saber que, de outra forma, permaneceriam isolados.

Ao final desse percurso, retomamos a ideia formulada no início sobre a possibilidade de entender a *Cartografia dos estudos de argumentação em Minas Gerais* como lugar de memória. Nossa resposta é que ela constitui um lugar de memória marcado, sobretudo, pela consolidação de uma tradição discursivo-argumentativa que tem na Análise do Discurso e na Teoria Semiolinguística suas principais referências, no éthos sua categoria analítica privilegiada e na UFMG

seu principal centro irradiador. Trata-se, contudo, de um lugar de memória que não se pretende fechado ou definitivo, mas, sim, aberto às transformações que inevitavelmente virão. Isto porque, como nos ensina a cartografia deleuziana, todo território, por mais consolidado que pareça, contém em si linhas de fuga que podem conduzir a novas desterritorializações. Cabe aos pesquisadores que vêm depois (e aqueles que já estão em atuação) decidir se seguirão as linhas já traçadas ou se inventarão novos caminhos.

Por fim, os dados apresentados ao longo deste trabalho, assim como as reflexões que eles suscitaram, não pretendem encerrar o debate sobre o campo da argumentação em Minas Gerais, mas, sim, oferecer um ponto de partida para futuras investigações. Esperamos, nesse sentido, que essa cartografia possa servir como instrumento de trabalho para novos pesquisadores, como subsídio para políticas de fomento e como contribuição para a história dos estudos linguísticos no Brasil. Esperamos que ela seja, finalmente, ao mesmo tempo, um registro do que fomos e um convite ao que podemos vir a ser.

## Referências

- AMOSSY, R. *A argumentação no discurso*. Coordenação da tradução: E. L. Piris e Moisés O.-F. São Paulo: Contexto, 2018. 286p.
- ANSCOMBRE, J.-C.; DUCROT, O. *L'Argumentation dans la langue*. Bruxelas: Mardaga, 1983.
- COURTINE, Jean-Jacques. Analyse du discours politique. *Languages*, n. 62, juin, 1981. 127p.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Vol. 1. São Paulo: Editora 34, 1995 [1980].
- FREITAG, Raquel Meister Ko; AZEVEDO, Isabel Cristina Michelin de (orgs.). *Cartografia da pesquisa em linguagem no Nordeste: áreas emergentes, aplicações para o ensino e interfaces*. Campinas: Pontes Editores, 2023.
- KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. *Argumentação e linguagem*. 2ª edição. São Paulo: Editora Cortez. 1987. 240p.

LIMA, Helcira. (Re)Memorar para: O Crime Da Praia Dos Ossos. *Rev. Est. Ling.*, Belo Horizonte, v.33, n.2, p. 2-20, 2025. ISSN: 2237-2083 · DOI: 10.17851/2237-2083.33.2.

NORA, P. Entre Memória e História: A problemática dos lugares. *Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História*, São Paulo, n. 10, p. 7-28, dez., 1993.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *Interpretação: Autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. São Paulo: Vozes, 1996. 150p.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *Análise de Discurso: princípios & procedimentos*. 12ª ed. Campinas: Pontes, 2015. 98p.

OSAKABE, Hakira. *Argumentação e discurso político*. São Paulo: Kairos, 1979. 230p.

PÊCHEUX, Michel. PAPEL DA MEMÓRIA. In: ACHARD, Pierre... [et. al.]. *Papel da Memória*. Tradução: José Horta Nunes. 2ª Edição. Campinas, SP: Editora Pontes, 2007 [1983]. p.49-57.

PÊCHEUX, Michel. *O Discurso – Estrutura ou acontecimento*. Trad. Eni Puccinelli Orlandi. 5ª ed. Campinas: Pontes Editores, 2008 [1983]. 68p.

PÊCHEUX, Michel. *Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Tradução Eni Pulcinelli Orlandi. 4ª Edição. Campinas. SP: Editora da Unicamp. 2009 [1982]. 287p..

PERELMAN, Chaim; TYTECA, Olbrechts. *Tratado da argumentação: a nova retórica*. Trad. de Maria Ermantina de Almeida Prado Galvão. São Paulo: Martin Fontes, 2005 [1958].

TOULMIN, S. E. *Os usos do argumento*. Trad. de Reinaldo Guarany. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006 [1958].